

O mito da queda da China



FERNANDA LOMENSO

Sócia, CCA - Ontier

Ao contrário do que previam os pessimistas e alardeadores de uma suposta crise por ocasião da recente queda das bolsas da China, a divulgação dos indicadores económicos da China e subida das bolsas europeias desfizeram o mito da crise chinesa. A recente divulgação do indicador da actividade industrial da China - que melhorou para 49,8 pontos - em conjunto com a subida de mais de um por cento nos principais índices bolsistas europeus, desde o início deste mês de Outubro, demonstra que estamos perante apenas uma (prevista) desaceleração económica do gigante chinês.

A queda das bolsas chinesas vista por muitos com alarde há algumas semanas faz parte de um processo maior de ajuste e reequilíbrio estrutural da economia chinesa. Apesar das claras repercussões nos mercados financeiros por todo o mundo nos dias que se seguiram à queda, houve um evidente exagero na leitura de quem a comparou como a crise nos moldes de 2008/2009 ou do final da década de 90.

Como o director executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI), Carlo Cottarelli, já tinha salientado, a desaceleração económica da China e a forte queda do seu mercado accionista não constituíram o anúncio de uma crise, mas um ajuste estrutural necessário da segunda maior economia do mundo. Por isso, mesmo após a brusca queda da bolsa chinesa, o FMI reiterou a previsão de crescimento da China em 6,9%.

Não estou a negar que o que aconteceu na China recentemente resultou em frustrações e incertezas imediatas com reflexos noutros mercados, mas vale a pena lembrar que os factores estruturais dos desequilíbrios chineses são bem conhecidos: excesso de capacidade da indústria, endividamento dos governos locais e das em-

presas, ajuste do sector imobiliário, aumento da regulação do sistema financeiro não bancário e a queda da contribuição das exportações.

Apesar dos esforços do governo, a combinação destes factores implica, necessariamente, taxas de crescimento menores, como já era esperado e anunciado pelo próprio governo chinês. Ainda assim, o resultado de crescimento do PIB do segundo semestre, divulgado no dia 15 de julho de 2015, foi de sete por cento - justamente a meta fixada pelo governo. É provável que no início do próximo ano seja estipulada uma expectativa de crescimento ainda menor, como parte de uma tendência que já era esperada por analistas da economia chinesa.

Além disso, cumpre mencionar que, ao contrário dos mercados financeiros de Londres, Nova Iorque, Paris e outros, o mercado financeiro chinês ainda é muito recente e o perfil dos investidores ainda tem um grande viés de imaturidade. Por isso (e outras razões acima mencionadas), seria superficial tentar avaliar o comportamento da economia chinesa como um todo apenas a partir do comportamento do seu imaturo mercado financeiro.

As características da intervenção do governo chinês e os sinais da economia demonstram muito mais uma tendência de mudança permanente (já esperada) do padrão de crescimento da economia do que sinais de uma crise. ■

A queda das bolsas chinesas vista por muitos com alarde faz parte de um processo maior de ajuste e reequilíbrio estrutural da economia. Houve um evidente exagero na leitura de quem a comparou com a crise de 2008/09.